

## **(Re)ver, (re)lembrar e bordar: experiências de idosos com fotografias.**

JÚLIA MARIANO FERREIRA  
DEBORAH RODRIGUES BORGES

■ 375

Júlia Mariano Ferreira é docente do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e técnica de laboratório de fotografia na Universidade Federal de Goiás (UFG). É mestre e doutoranda em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG) e especialista em Fotografia: práxis e discurso fotográfico pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É membro do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI/UFG), do Centro de Investigação e Realização Audiovisual (CRIA/UEG) e da Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades – RedArtH.

Afiliação: Universidade Estadual de Goiás (UEG)/ Universidade Federal de Goiás (UFG)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9511205983517161>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6470-1813>

Deborah Rodrigues Borges é docente assistente do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – GO). É doutora em Arte e Cultura Visual e mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). É membro do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI/UFG)

Afiliação: Universidade Estadual de Goiás (UEG)/ Universidade Federal de Goiás (UFG)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7447962606606672>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3859-5308>

## ■ RESUMO

Este trabalho sustenta-se em memórias de experiências vividas por duas educadoras-fotógrafas em oficinas de fotografias com idosos alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI - PUC Goiás). A partir das memórias das vivências em um projeto de bordar lembranças sobre fotografias de álbuns de família, são trazidas aprendizagens que emergiram em contatos e trocas de saberes dessa experiência intergeracional e interinstitucional, possibilitando o reviver de memórias e a emergência de novas narrativas sobre elas.

## ■ PALAVRAS-CHAVE

Fotografia bordada, idosos, aprendizagens, memória, UNATI

## ■ ABSTRACT

This work is based on memories of experiences lived by two educators-photographers in photo workshops with elderly students from Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI-GO). From the memories of the experiences in a project to embroider memories about photographs from family albums, learnings are brought up that emerged in contacts and exchanges of knowledge from this intergenerational and interinstitutional experience, enabling the reliving of memories and the emergence of new narratives about them.

376 ■

## ■ KEYWORDS

Embroidered photography, seniors, learning, memory, UNATI

## Introdução

O ensino das técnicas e linguagens fotográficas tem se intensificado com o advento da fotografia digital. Com a ampliação do acesso aos equipamentos fotográficos por meio da tecnologia digital, principalmente devido aos equipamentos híbridos como celulares smartphones, houve um aumento de interesse em cursos rápidos que ensinam manusear os equipamentos e aplicativos de edição e compartilhamento de fotografias e a fazer melhores imagens. O interesse por esses aprendizados não é restrito ao público jovem. Os idosos têm se importado em se aproximar das tecnologias para estabelecer conexões, interagir, relacionar-se e comunicar-se sobretudo com familiares e amigos.

Este trabalho apresenta reflexões sobre uma oficina de fotografia promovida na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), projeto de extensão da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), mediada por duas educadoras-fotógrafas e realizada por um grupo de idosos que, para além de se interessarem pelas questões técnicas dos aparelhos fotográficos, também se envolveram na proposta de visitar seus álbuns fotográficos familiares, lembrar suas histórias de vida e reelaborar essas narrativas visuais por meio de intervenções manuais. A oficina visava apresentar aos integrantes do grupo artistas que realizam processos de intervenções manuais sobre fotografias, em especial os bordados, como meio de produzir ressignificações dessas imagens, muitas delas oriundas de álbuns de família. O objetivo desse projeto era o de estimular os alunos a fazerem também a ressignificação de fotografias de seus próprios acervos familiares por meio da aplicação de bordados, tais como as imagens dos artistas apresentados ao grupo.

Antes de compartilhar e refletir sobre as experiências vividas nesse projeto, apresenta-se o universo de criação das Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI) e alguns modelos como a sociedade lidou com os idosos e suas relações com a sociedade, com o lazer e com o aprendizado. Após essa parte, é apresentado no texto as etapas de realização do projeto Fotografias Bordadas, são comentadas as aprendizagens vividas e compartilhadas e expostas as narrativas que cada um dos idosos participantes desenvolveu.

## Os idosos e as aprendizagens

Na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), a Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) é um projeto permanente desenvolvido pelo Programa de Gerontologia Social (PGS), fundado na instituição em 1992. Atualmente<sup>1</sup>, o projeto oferece, semestralmente, atividades e oficinas voltadas para o público com mais de 60 anos, que incluem atividades físicas e culturais, estudos teóricos, alfabetização, aprendizados de tecnologias digitais etc. São atendidos, em média, 400 alunos idosos a cada semestre, contando com a participação de dezenas de voluntários em todas as atividades realizadas. Desde 2018 tem sido ofertado regularmente o curso de fotografia com carga-horária semestral de 56 horas.

<sup>1</sup> As atividades e oficinas são oferecidas, costumeiramente, na modalidade presencial. Porém, durante o período da pandemia de Covid-19, a Unati passou a desenvolver atividades com os idosos apenas na modalidade online.

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2018), o Brasil possui, atualmente, 28 milhões de habitantes com mais de 60 anos, faixa etária classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como idosa. Esse número representa 13% da população brasileira, e a tendência é de que esse percentual dobre nas próximas décadas, segundo a Projeção da População, divulgada em 2018 pelo IBGE. Portanto, as reflexões sobre como entendemos o envelhecimento e como a população idosa pode estar integrada à vida social são urgentes.

Torres e Carrião (2017) apontam a importância da educação como elemento de inclusão social da população 60+, com muitos benefícios, entre os quais: manutenção de estímulos cognitivos, necessários à conservação da memória e interação social, em um momento da vida em que muitos experimentam dolorosamente a solidão, já que os filhos cresceram, saíram de casa e alguns já perderam seus cônjuges. O estímulo à elaboração e a conquista de novos projetos e metas também são benefícios proporcionados pela educação, que mantém a motivação diária para viver e continuar tendo uma vida produtiva.

Os autores explicam que, na década de 1950 surgiu a Teoria da Atividade, “para a qual, quanto mais ativo o idoso, maior a chance de envelhecer bem. Ela associa atividade e satisfação de viver” (TORRES E CARRIÃO, 2017, p. 24). Por outro lado, posteriormente apresentou-se a Teoria do Desengajamento, que serviu de base para muitas propostas de intervenções sociais voltadas para os idosos, inclusive as primeiras atividades propostas pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) para esse público. De acordo com essa teoria, o envelhecimento bem-sucedido é aquele no qual o trabalho é substituído pelo lazer, e o idoso pode retirar-se tranquilamente da vida em sociedade e desfrutar do ócio ou de atividades recreativas.

Torres e Carrião (2017) propõem uma reflexão sobre as implicações dessas duas formas de se conceber o papel social dos idosos. Para isso, recuperam historicamente o surgimento da Unati, modalidade de projeto de extensão desenvolvido atualmente por diversas instituições de ensino superior no Brasil e em outros países. Os autores esclarecem que a primeira iniciativa de uma “Unati” ocorreu em 1973 na França, a partir de uma ideia do professor Pierre Vellas, da Universidade de Toulouse, que de um lado

pensava em um programa para aposentados que procuravam algo de novo em termos de atividade, e de outro, voluntários ansiavam em dar suas parcelas na construção social. A síntese entre a ideia do professor Pierre e os anseios dos voluntários deu a oportunidade de integrar Universidade e sociedade, conjugando uma instituição de ensino superior e pesquisa com um segmento da população. (TORRES e CARRIÃO, 2017, p. 14).

Posteriormente, o modelo proposto por Vellas foi adotado por várias instituições em diferentes países, graças à diversidade de nacionalidades dos estudantes voluntários de Toulouse, que levaram a experiência francesa ao voltarem para seus países. Além disso, o próprio professor Pierre Vellas difundiu a experiência ao participar de eventos em instituições de ensino superior em outros

países. Na década de 1990 ocorreu a criação de vários programas voltados para o público idoso em universidades brasileiras, inspirados na experiência da Universidade de Toulouse.

Os autores pontuam que atualmente a proposta pedagógica da Unati da PUC Goiás “enquadra-se no conceito de aprendizagem ao longo da vida ou formação permanente, e baseia-se nos princípios da Gerontologia Educativa” (TORRES E CARRIÃO, 2017, p.47). Segundo eles, a adoção de tais direcionamentos pedagógicos proporciona a construção de um projeto que compreende a educação como algo imprescindível para o indivíduo ao longo de toda a sua vida.

A educação, sob esta ótica, colabora para a coesão social, no sentido de formar sujeitos capazes de adaptarem-se às transformações sociais, ao mesmo tempo em que contrapõe a ideia de fragmentação. O sujeito precisa ir além, mas estar pronto para agir em qualquer atividade, em diferentes circunstâncias, possuindo características como competência, solidariedade, pró-atividade, capacidade rápida de adaptação. (TORRES e CARRIÃO, 2017, p. 45)

■ 379

Desde a sua gênese, na França, a Unati propõe a convivência intergeracional como importante para uma nova percepção sobre o envelhecimento. Ao contrário da proposta da Teoria do Desengajamento, que preconiza o afastamento do idoso de diversas atividades sociais (trabalho, estudo etc.) e da proposta da Teoria da Atividade, que prevê a busca de ocupação para o idoso, sem necessariamente uma inserção deste nas demais esferas sociais, a Unati, baseada na Gerontologia Educativa e de Aprendizagem ao Longo da Vida, percebe como fundamental que se proponham ações nas quais pessoas jovens e idosas possam exercer engajamento e protagonismo juntas. Assim, o aprendizado de conteúdos, competências e habilidades ocorre mutuamente a partir de trocas de experiências.

### **Experimentações com fotografias**

Desde 2018 as oficinas de fotografias começaram a ser ofertadas de maneira regular na Unati a partir de uma demanda gerada pelo interesse dos próprios alunos, que manifestaram o interesse em aprender sobre fotografia<sup>2</sup>. No segundo semestre de 2019, além dos conteúdos programáticos habituais, que tratavam das técnicas fotográficas e manuseio de equipamentos, um projeto interinstitucional envolvendo o curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG) integrou a programação da oficina. O Projeto “Fotografias Bordadas: revisitando álbuns familiares e memórias” surgiu da expectativa das autoras em estimular a relação dos idosos com as fotografias de família, resgatando memórias e ressignificando suas experiências por meio de trabalhos com artes manuais.

<sup>2</sup> Desde que foram criadas, as oficinas de fotografia na Unati foram ministradas pela professora Deborah Rodrigues Borges.

Tendo como base o projeto de extensão “Fotografias expandidas: reinventado narrativas<sup>3</sup>”, que propunha a realização de oficinas de intervenção fotográfica utilizando métodos e materiais variados para proporcionar vivências e experiências que contribuíssem com descobertas de novas possibilidades de uso da fotografia na contemporaneidade, o projeto proposto para a Unati selecionou a linguagem do bordado como método para realização das intervenções a serem feitas pelos idosos. Também serviu como estrutura para a realização da proposta o projeto de pesquisa Fotografias e Manualidades: tramas entre as imagens técnicas<sup>4</sup>, que propõe a investigação de artistas visuais contemporâneos que utilizam técnicas manuais sobre fotografias para expandir seus sentidos.

Uma vez aprovado pelo PGS da PUC Goiás, o projeto foi desenvolvido entre setembro e dezembro de 2019, envolvendo ações extensionistas das duas instituições. A proposta do projeto Fotografia Bordada foi de apresentar aos alunos da Unati as possibilidades de intervenções em fotografias de família por meio da aplicação de processos manuais (em especial, o bordado), como forma de recuperação das relações manuais e táteis exercidas pelos idosos em suas vivências com a fotografia analógica. Além disso, objetivou-se mostrar como os bordados poderiam materializar em antigas fotografias de seus álbuns de família as memórias e os afetos que essas imagens suscitavam neles.

O projeto foi apresentado e acolhido pelos alunos, sabendo que ele seria desenvolvido por meio de encontros semanais com duração de 90 minutos, intercalados com encontros nos quais questões técnicas seriam ministradas para que eles, além do trabalho experimental, também tivessem acesso aos conteúdos dos aspectos da linguagem fotográfica. Cabe ressaltar que o planejamento da disciplina foi elaborado de modo que essas aulas de cunho mais técnico dialogassem também com os aspectos que eram abordados nas aulas em que se desenvolvia o projeto.

O projeto Fotografia Bordada foi realizado em etapas. Em primeiro momento, foram apresentados aos alunos da Unati diversos artistas que utilizam a linguagem do bordado mesclada às suas fotografias. Diante da curiosidade dos alunos, comentou-se sobre as motivações desses artistas em intervirem nas imagens fotográficas. O artista José Romussi<sup>5</sup> diz que “busca por expressar e representar ideias”, “criar novos sentidos de representação para as obras”, “mesclar diferentes tempos e espaços” (AMELL, 2014, p. 43); já a artista María Aparicio Puentes<sup>6</sup>, aponta que tem o interesse de “destacar as relações espaciais preexistentes entre sujeitos, extensões corporais e espaços” (AMELL, 2014, p. 119). Enquanto isso, Julie Cockburn<sup>7</sup> justifica o uso do bordado sobre as fotografias com o intuito de “adornar, manipular, torturar e acariciar a superfície da foto” (AMELL, 2014, p. 127) e, por fim, Hagar Vardimon Van Heummen<sup>8</sup> explica seu trabalho apontando que busca “costurar e conectar as dimensões temporais do passado e

<sup>3</sup> Projeto cadastrado na UEG em 2019 pela professora Júlia Mariano Ferreira, já desenvolveu ações anteriormente em parceria com o Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS GO) e com a Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG).

<sup>4</sup> Projeto cadastrado na UEG em 2018, coordenado pela professora Júlia Mariano Ferreira

<sup>5</sup> [www.joseromussi.com](http://www.joseromussi.com)

<sup>6</sup> [www.mariaapariciopuentes.com](http://www.mariaapariciopuentes.com)

<sup>7</sup> [www.juliecockburn.com](http://www.juliecockburn.com)

<sup>8</sup> [www.happy-red-fish.com](http://www.happy-red-fish.com)

do presente, contando uma nova história (...) através dos fios, criando uma nova camada que não estava lá antes” (AMELL, 2014, p. 29).

As percepções que os idosos tiveram sobre as imagens foram apresentadas, e entre curiosidade, admiração, empolgação e estranhamento, eles foram convidados a participar de um projeto no qual eles mesmos poderiam também fazer intervenções nas suas próprias fotografias. Com intuito de preservar as fotografias, foi proposto que seriam feitas cópias das imagens originais. Pensando que poderiam surgir dificuldades em bordar sobre o papel, que exige uma gramatura elevada do suporte para que não se rasgue com os furos e com os movimentos das linhas, foi criada uma estratégia de transferência das imagens fotográficas para tecido de algodão cru.

Em um segundo momento, após adesão do grupo à proposta, foi solicitado que cada um selecionasse em seus álbuns fotográficos familiares imagens que considerassem importantes. A maneira como cada aluno se envolveu e reagiu ao convite foi diversa. Houve aqueles que foram generosos e apresentaram dezenas de fotografias e queriam contar histórias sobre cada uma das imagens. De forma diversa, alguns alunos levaram poucas imagens. As justificativas para as ausências foram diversas: uma aluna disse que promoveu um encontro de família no qual doou todas as fotografias que ela tinha dos familiares: “as fotografias eram deles. Não fazia sentido mantê-las comigo!”. Outra aluna alegou que colou no álbum suas fotografias com cola e que isso fez com que as imagens se estragassem, perdessem, desaparecessem. Houve ainda um aluno que disse que ateou fogo nas fotografias de família após sua separação conjugal, restando apenas poucas imagens, sendo uma com seus filhos, uma de seus pais quando eram jovens e ainda um cartão postal da época em que o casal emigrou para o Brasil. Para ele, essas poucas imagens sintetizavam o que era necessário ser lembrado.

Infelizmente duas alunas não acolheram a proposta da oficina. Rever fotografias e rememorar histórias de família não lhes pareceu uma ideia suportável naquele momento de suas vidas. Remexer em histórias de vida, abrir feridas causadas por elas pode gerar sofrimento e, pensando nisso, a decisão delas foi respeitada pelo grupo. Por outro lado, ao tomar conhecimento da proposta da oficina, uma nova aluna ingressou no projeto, interessada em bordar suas memórias familiares.

Necessário lembrar de Didi-Huberman (2015) que enfatiza a importância de devolver as imagens a quem de direito, mesmo em situações diversas a essas apresentadas pela aluna que doou as fotografias. Em outra oportunidade, Didi-Huberman (2012) evoca a necessidade de pensar sobre como algumas imagens chegaram até nós e sobre as condições que impediram sua destruição ou a sua sobrevivência. “Cada vez que depomos nosso olhar sobre uma imagem, deveríamos pensar nas condições que impediram sua destruição, sua desaparecimento. Destruir imagens é tão fácil, têm sido tão habitual” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 210). Os relatos dos alunos da Unati comprovam esses desaparecimentos das imagens por meio do relato das relações deles e dos usos das fotografias de família.

Os alunos apresentaram dezenas de fotografias, e a escuta das histórias que eles tinham a contar sobre as imagens foi o percurso de alguns encontros. Uma das importantes características dos álbuns é a condição dele ser narrado. Dessa

forma, “o álbum não só é visto, mas especialmente ouvido [...], e isso dimensiona seu conteúdo em um outro sentido corporal – o da audição – e outorga outra natureza perceptiva – o ritmo e a melodia de ouvir uma história” (SILVA, 2008, p. 19). Professoras, monitores e colegas se envolveram nessa escuta atenta e curiosa sobre micronarrativas dos cotidianos. Por que determinadas fotografias os animavam mais do que outras? Necessário questionar a relação com a imagem: o que ela faz com quem a olha, percebe e a seleciona diante de tantas outras? Para Didi-Huberman, (2012), a imagem arde em contato com o real. Ela é um rastro, um traço visual de um tempo que toca outros tempos anacrônicos e suplementares. Por quais motivos determinada imagem do passado merece ser lembrada e reatualizada no tempo presente?

Aos poucos discutiu-se com os alunos como poderiam materializar nas fotografias selecionadas essas memórias e afetos que traziam em seus relatos, mas que muitas vezes não apareciam concretamente no registro visual. Nesse momento, pôde-se refletir como

a fotografia cria uma visão do mundo a partir do mundo, molda um imaginário novo, uma memória não-seletiva porque cumulativa. Em sua superfície o tempo e o espaço inscrevem-se como protagonistas absolutos, não importa se imobilizados, ou até melhor se imobilizados porque passíveis de uma recuperação, feita de concretude e devaneio, na qual a aparente analogia se releva seleção, construção, filtro (FABRIS, 1991, p. 36).

382 ■

Essa alternância entre concretude e devaneio, entre o que está expresso na imagem enquanto artefato material e o que estava latente na memória, mas foi trazido à tona a partir das conversas sobre as fotografias de cada idoso foi o que moldou, aos poucos, as ideias sobre o que cada aluno bordaria em cada uma das fotos. Bruno (2009) já ressaltava, em seu trabalho sobre a elaboração de fotobiografias por um grupo de idosos em Campinas - SP, a riqueza das relações entre as narrativas visuais (o que está expresso na fotografia) e as narrativas verbais (aquilo que se conta sobre a fotografia e os eventos que levaram a ela).

O que os alunos da Unati - assim como os idosos do grupo com o qual a pesquisadora trabalhou - contavam a partir das fotografias não era apenas o que víamos nas imagens, mas muitas outras histórias relacionadas com as pessoas, lugares e objetos retratados. Foi um momento muito intenso do projeto, com muitas histórias engraçadas, emocionantes, ternas e memoráveis.

Uma vez que as imagens com que cada um iria desenvolver seu trabalho estavam selecionadas, iniciou-se uma terceira etapa: a reprodução. Refotografadas e reproduzidas em papel de silcagem, com auxílio dos monitores, as fotografias foram transferidas para os tecidos. Admirados com o processo e atentos a todos os detalhes, alguns foram capazes de perceber que, antes de serem transferidas para o tecido, as fotografias estavam espelhadas. Diante da tentativa da professora de explicar sobre a necessidade da inversão das imagens, uma das alunas compreendeu o processo e exemplificou aos colegas como ela mesma já havia trabalhado de forma similar com o espelhamento de imagens quando tinha apenas

um gráfico de um bordado em ponto cruz, mas queria aplicá-lo nos quatro cantos de um pano de mesa.

Respeitando a autonomia do ser do educando (FREIRE, 1996), essa compreensão produzida sobre o que estava sendo comunicado foi valorizada, respeitada e incorporada ao conteúdo da aula, como uma prática coerente de trocas de saberes, que a extensão universitária tem propiciado aos docentes e aos membros da comunidade.

Destaca-se ainda o caráter intergeracional da proposta do projeto das oficinas que, além da condução das professoras, contou com apoio de jovens estudantes da UEG como monitores<sup>9</sup> durante as aulas. Com idades na faixa dos vinte anos, esses jovens dominam com facilidade as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e contribuíram com seus conhecimentos nesse campo. Por outro lado, eles não tinham experiências com os processos e produtos da fotografia analógica, como filmes fotográficos e monóculos que foram levados para as aulas pelos idosos, bem como não tinham conhecimentos e práticas sobre o universo do bordado.

Acreditando que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22), trocas de experiências foram propiciadas durante todo o processo das oficinas e possibilitaram construção de aprendizagens. Acredita-se que ao compartilhar experiências, os jovens, os idosos e as professoras foram capazes de reconstruir saberes socialmente construídos.

Com as fotografias ganhando nova materialidade em um suporte mais maleável e resistente, passou-se a uma nova etapa do processo: a criação do projeto visual do que seria bordado sobre as imagens. Novas camadas de sentido seriam acrescentadas, mas como definir quais elementos seriam adicionados e como eles seriam materializados? A proposta foi novamente escutar as histórias que acompanhavam as imagens e tentar escavá-las, em busca de rastros que não estavam visíveis nas camadas superficiais, mas que dão pistas do que precisa ou quer ser dito sobre a imagem ou sobre as relações com elas.

### **As narrativas visuais construídas**

Nesse último momento, passou-se à execução dos bordados sobre as fotografias, já reproduzidas sobre tecido. Todos - alunos, professoras, monitores - compartilharam intensamente seus saberes nessa etapa. Ensinava-se e aprendia-se pontos de bordado. Um colega ajudava o outro a executar o trabalho, as professoras também ensinavam os pontos que sabiam para que os alunos pudessem usar em suas imagens. Os monitores aprenderam a bordar para auxiliar os idosos. E cada encontro dessa etapa se desenrolou como um encontro para lanchar e conversar enquanto se bordava. Entre um ponto e outro, a um só tempo, construíam-se os trabalhos manuais e as relações de afetividade.

O detalhamento do fazer nesse trabalho importa porque, em fotografia, “a maneira de fazer faz parte da mensagem (...)” (LEITE, 1993, p. 47). Percepção que

<sup>9</sup> Os monitores desse projeto foram os alunos do curso de Cinema e Audiovisual da UEG: Ana Paula Castro Barbosa Rodrigues, Daniela Ressorre Batista, Bruno Lacerda, Halanda Sabrina de Souza Andreto e Mikaela

também é reforçada por Dubois (2009), para quem não é possível refletir adequadamente sobre a fotografia sem considerar que ela não é apenas o resultado de um procedimento técnico, mas sim o que o autor denomina como uma imagem “em trabalho”. Uma vez que uma fotografia é posta à contemplação, ela promove a recuperação de histórias, a rememoração de acontecimentos e pessoas, a partilha de experiências similares com outras pessoas do grupo.

Assim, o procedimento de bordar as fotografias, e fazer isso em grupo, em meio a conversas, trocas e interações intergeracionais foi fundamental para que as imagens ficassem como ficaram. Se tivessem sido orientados durante as aulas sobre os pontos do bordado e tivessem feito as intervenções em casa, fora daquele contexto de trocas, os resultados teriam sido outros. As rememorações não teriam sido compartilhadas no momento de elaboração dos trabalhos e teria sido perdida parte importante de toda essa experiência.

Diante de imagens do quintal de sua casa, da presença de seus filhos brincando entre amigos, o aluno reclamou a inexistência de fotografias da primeira casa que ele mesmo construiu depois de casado. “Uma simples e humilde casa no interior do estado do Tocantins, coberta com palha de coco babaçu, paredes de tábuas e piso de chão batido”. Ele animou-se com a possibilidade de bordar essa casa presente em sua memória, dando vida ao reconstruí-la novamente com suas mãos. Completando a narrativa visual, as fotos dos filhos no quintal de sua casa foram valorizadas com a inserção de cercas de madeira e flores cultivadas no jardim. Uma das fotografias preferidas dele mostra em destaque sua filha. “É minha filha pequena, correndo ao meu encontro, com os bracinhos abertos para me abraçar, quando eu vinha chegando do trabalho. É uma foto que eu amo muito, pois mostra o amor de uma criança”. Para ele, o importante nessa narrativa (Figura 1) foi resgatar uma história do início de sua vida como pai de família e dono de casa.



Figura 1. A simples e humilde casa. Reprodução fotográfica de obra construída por aluno da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

A aluna que ingressou no grupo ao saber da proposta da criação das fotografias bordadas escolheu trabalhar com memórias afetivas culinárias. “Escolhi uma foto na qual apareço depois de amassar a massa de pão de queijo, lambendo os dedos, e também selecionei uma foto de minha neta na qual ela também lambia os dedos enquanto cozinhava. Juntei uma folha do caderno de receitas da minha mãe ensinando fazer pão de queijo e brevidades, escritas com a letra dela.” Valorizando as relações intergeracionais em sua narrativa, a aluna bordou um laço para simbolizar a relação com sua mãe e sua neta por meio do prazer de cozinhar que as une. (Figura 2)



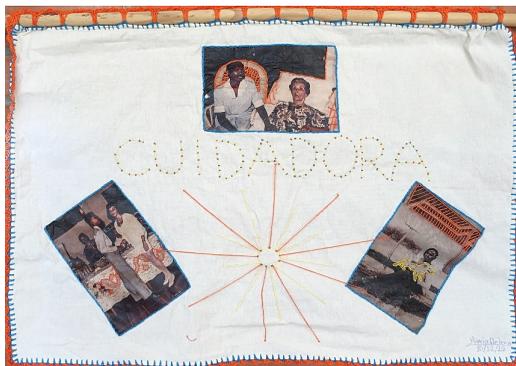
Figura 2. Laço de memória culinária afetiva. Reprodução fotográfica de obra construída por aluna da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

Em uma homenagem ao esposo falecido há alguns anos, uma das alunas optou por representar um sonho não realizado por ele: ser piloto de avião! Mas isso não o impediu de alcançar várias conquistas durante a jornada de sua vida. A viúva bordou em um céu o vôo de um avião de papel, cujo percurso une fotografias de vários momentos da vida de seu esposo. (Figura 3).



Figura 3. Os vôos da nossa vida. Reprodução fotográfica de obra construída por aluna da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

A aluna que doou quase todas as fotografias aos parentes tinha consigo apenas poucas imagens. Acabou escolhendo 3 nas quais ela aparecia, sempre como “cuidadora”: lembrou-se do cuidado que teve com o irmão caçula, da companhia de seu cachorro como também do carinho de exercer sua profissão de enfermeira ao zelar da senhora retratada em uma das fotografias. Além de bordar a palavra “cuidadora”, ela ressaltou detalhes das imagens com a inserção de bordados e ainda criou raios que uniam as imagens. (Figura 4)



386 ■

Figura 4. Cuidadora. Reprodução fotográfica de obra construída por aluna da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora

No primeiro bordado que fez em sua vida, um dos alunos escolheu materializar a união familiar por meio de fios que unem os corações da mãe, da sogra e da esposa ao coração dele. “É uma recordação que vou guardar da minha mãe e da minha sogra, que agora estão lá junto de Deus”. As auréolas de anjo bordadas simbolizam a passagem delas para uma outra dimensão espiritual. (Figura 5)



Figura 5. Corações unidos. Reprodução fotográfica de obra construída por aluno da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

Uma aluna escolheu colocar cor para dar vida no retrato em preto e branco do casamento dos pais. Uma guirlanda floral com rosas brancas e folhas verdes foi bordada emoldurando a fotografia (Figura 6). Ela tentou decifrar uma camada de escrita sobre a imagem, uma espécie de dedicatória datada, mas o passar dos anos fez com que esse rastro fosse parcialmente apagado, inviabilizando a leitura.



Figura 6. Moldura floral para a foto de casamento. Reprodução fotográfica de obra construída por aluna da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

A mesma aluna ainda escolheu uma fotografia que, para ela, tinha uma história que merecia ser lembrada. “Meu avô tinha olhos azuis. Meu primo quis registrar os olhos dele em uma fotografia e pediu para que ele retirasse os óculos. Mas a claridade era tão grande que ele não conseguiu ficar de olhos abertos!” Assim surgiu a narrativa que tomou emprestada as palavras da música de Tim Maia (Figura 7).



Figura 7. Azul da cor do mar. Reprodução fotográfica de obra construída por aluna da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

Trabalhar a narrativa de casamento também foi a escolha de uma das alunas, que elencou aquela data como um dos dias mais importantes de sua vida. Rosas vermelhas foram bordadas sobre o seu véu (Figura 8) e sobre a cama do casal (Figura 9).



388 ■

Figura 8. Véu de rosas. Reprodução fotográfica de obra construída por aluna da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.



Figura 9. Rosas sobre a cama. Reprodução fotográfica de obra construída por aluna da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

Uma das alunas escolheu trabalhar com imagens de um passeio com amigos em uma área verde. As imagens, que estavam guardadas em monóculos, ganharam visibilidade ao serem impressas em tamanhos maiores e foram valorizadas ao ganharem molduras de bordados (Figura 10).



Figura 10. Passeio. Reprodução fotográfica de obra construída por aluna da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

Um dos alunos surpreendeu as professoras e os monitores ao conseguir aprender a bordar para manifestar sua paixão pelo seu time de futebol, mesmo com as atuais significativas limitações no campo de sua visão. (Figura 11)



Figura 11. Paixão pelo Mengo. Reprodução fotográfica de obra construída por aluno da oficina de Fotografia Bordada. Fotografia da autora.

Por fim, após a finalização dos bordados sobre as fotografias, foram feitas as montagens dos trabalhos para exposição. Cada aluno ficou responsável pelos acabamentos de seu próprio trabalho. Fizeram bainha nos tecidos, para que não desfiassem, e alguns crocheteram acabamentos ao redor da imagem. Naquele momento, já era bastante evidente a relação de afetividade que tinham desenvolvido com os trabalhos. Cuidaram para que suas obras tivessem uma melhor

apresentação, não apenas para a exposição pública das imagens, mas porque queriam-nas como recordação, ou como presente que seria oferecido a algum ente querido. Todas as imagens foram montadas como estandartes, símbolos visuais afetivos de memórias que merecem ser lembradas.

## **Exposição**

Na festa de confraternização pelo encerramento do semestre letivo da Unati, foi realizada uma exposição dos trabalhos dos alunos. Orgulhosos, muitos deles levaram parentes para prestigiarem seus trabalhos. Também foi realizada na oportunidade uma exposição fotográfica com imagens que mostravam e valorizavam o processo de confecção dos trabalhos durante as oficinas.

Como havia a proposta de realizar posteriormente uma exposição em um espaço expositivo, os trabalhos não foram devolvidos para os idosos: ficaram guardados sob os cuidados da coordenação da Unati. Mas muitos alunos já tinham manifestado seus desejos de destino das obras feitas por eles: uma das alunas tinha dito que colocaria a fotografia na parede de sua casa mesmo, pois assim resolvia a “disputa” da obra pelas duas filhas. Para eles, o valor da exposição de seus trabalhos com suas memórias afetivas tinha mais sentido em seus ambientes domésticos, onde poderiam ser contemplados diariamente por eles, além de poder mostrá-los para familiares e amigos. Essa relação prevalecia sobre a ideia da exposição em um espaço público, mesmo que esse espaço fosse uma galeria de arte ou um museu.

Devido ao processo de isolamento social imposto pelo novo Coronavírus, foi suspensa a ideia de uma exposição presencial, embora já houvesse definição de espaço expositivo e visita técnica já tivesse sido feita. Entretanto uma exposição virtual das obras foi viabilizada na Mostra Cultural do 17º Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Goiás (Conpeex UFG), realizado de forma online<sup>10</sup>.

## **Considerações finais**

Em todo esse trabalho, algo que ficou muito evidente foi a importância da recuperação das relações de materialidade e manualidade com a fotografia. Em praticamente todas as etapas da produção, as fotografias estiveram presentes materialmente. Elas puderam ser manuseadas, mostradas, tocadas, sentidas e bordadas. Foram vistas também, é claro, mas não como se vê uma fotografia digital: com um olhar apressado sobre telas. Batchen (2004) ressalta a importância que teve, em momentos passados, o fato de a fotografia ser algo que pudesse também ser sentido, além de visto. Tal experiência sensorial, sem dúvida, potencializou ainda mais as relações de afetividade que os idosos tiveram com essas fotografias.

Para Luiz Humberto (2000), o homem inventa processos de registro para não ser refém do esquecimento. Porém, além de capacitar os idosos para o uso do processo de registro fotográfico digital, para que eles pudessem registrar e compartilhar o que não queriam esquecer, as experiências no projeto “Fotografias

<sup>10</sup> Para visitar a exposição acesse: <https://www.instagram.com/bordarnarrativas/>

Bordadas: revisitando álbuns familiares e memórias”, oportunizou aos idosos experiências com nova forma de registro e de materialização de suas memórias a partir da criação de novas camadas de registro e sentidos bordadas sobre suas fotografias de família, dando novas chances de salvá-las do esquecimento.

Portanto, os objetivos que levaram à proposição da oficina foram alcançados. Os idosos puderam ampliar suas referências visuais nas aulas em que foram apresentados os artistas e seus trabalhos que envolvem o bordado sobre a fotografia. Em seguida, aceitaram o convite para ressignificarem suas próprias fotografias, explicitando nelas memórias e afetos acrescidos às imagens com os bordados executados durante as oficinas. Fotografias que estavam esquecidas em álbuns fotográficos foram lembradas, histórias sobre elas foram compartilhadas e eles tiveram a oportunidade de criar novas camadas de significados, usando outras linguagens, como a linguagem oral e o bordado manual sobre as fotografias, para elaborar narrativas diversas.

Por fim vale relatar que a aluna que construiu a narrativa em homenagem ao esposo falecido (Figura 3) compartilhou, ao final do processo, que, a princípio, não tinha ficado atraída pela proposta do trabalho. Ao ficar viúva, ela perdeu muitas noites de sono e para ocupar as ausências, começou a fazer trabalhos manuais. Dessa maneira, quando ela se lembrava de manualidades, vinha à mente aquele momento de sua vida de luto e tristeza. Mas ao conseguir realizar o trabalho na oficina de Fotografias Bordadas, ela ressignificou não apenas as histórias contidas nas imagens, mas também a relação dela com os trabalhos manuais. Um aprendizado graças à possibilidade de (re)ver e (re)lembrar.

## Referências:

AMELL, Carolina. **Stitched illustration**: needle work. Barcelona: Monsa Publications, 2014.

BATCHEN, Geoffrey. **Forget me not**. Photography & Remembrance. New York: Princeton Architectural Press, 2004.

BRUNO, Fabiana. **Fotobiografia**: por uma metodologia da estética em Antropologia. 2009. 351 fl. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 2009.

FABRIS, Annateresa. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa (org.).

**Fotografia**: usos e funções no século XIX, São Paulo: Edusp, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para uma prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Devolver uma imagem. In: ALLOA, Emmanuel (org). **Pensar a Imagem**. São Paulo: Autêntica, 2015, p. 205-226.

\_\_\_\_\_. Quando as imagens tocam o real. In: **PÓS**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG, vol. 2, n.4, nov, 2012, p. 214-219.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2000.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

TORRES, Lisa Valéria; CARRIÃO, Luiz Humberto. **Universidade da Terceira Idade**: lugar de idoso também é na escola. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2017.

Recebido em 11/05/2021 - Aprovado em 21/09/2021

Como citar:

392 ■

FERREIRA, J. M.; BORGES, D. R. (Re)ver, (re)lembrar e bordar: experiências de idosos com fotografias. *ouvirOUver*, v.17, n.2. p. 375-392. jul./dez. 2021. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-61012>



A revista *ouvirOUver* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.